

A MÚSICA NA CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO DO SER

Music in construction and training personality

Fernando Nunes Ilibio¹
Jádina de Farias Neves¹

Resumo: Este trabalho caracteriza-se como pesquisa de caráter descritivo e bibliográfico, num contexto que envolve a música enquanto arte no âmbito escolar. A música é uma forma de expressão fundamental para os desenvolvimentos cognitivo-linguístico, psicomotor e socioafetivo. Além dessas contribuições, o principal objetivo é proporcionar vivências musicais diversificadas, entre outros aspectos, para que a criança conheça melhor a si mesma e também estimule a comunicação com o outro. Na antiga Grécia, Platão e Pitágoras defendiam seu ensino, pois acreditavam em uma sociedade melhor, e no poder de cura, através da música. Até a contemporaneidade, a música passou por diversas evoluções e estratégias de ensino. Entre os educadores musicais brasileiros, Heitor Villa-Lobos foi o de maior destaque com a renovação do Canto Orfeônico. Do outro lado do globo terrestre, outro educador musical trouxe inovações para a musicalização infantil. O japonês Shinichi Suzuki transformou e continua transformando, bons e sensíveis cidadãos com seu método.

Palavras-chave: Música. Musicalização. Pedagogia Suzuki.

Abstract: This work is characterized as a research of descriptive and bibliographic character in a context which involves music as art at school context. Music is a way of essential expression to the cognitive-linguistic, psycho and socio-affective developments. Besides these contributions, the main objective is to provide diverse musical life, among other aspects, to the child knows himself and also encourage the communication with the other one. In ancient Greece, Plato and Pythagoras defended their teaching because they had believed in a better society and in the healing power by means of music. To current days, the music has gone through several evolutions and teaching strategies. Among the Brazilian musical educators, Heitor Villa-Lobos was the prominence with the Choral Singing renewal. On the other side of the world, another musical educator brought innovations to the children's musicalization. The Japanese Schinichi Suzuki turned and still turns into good and sensitive citizens using his method.

Keywords: Music. Musicalization. Suzuki Pedagogy.

Introdução

A música e a musicalização são elementos que contribuem para o desenvolvimento intelectual e integração do ser. O processo ensino aprendizagem favorece o desenvolvimento cognitivo-linguístico, psicomotor e socioafetivo no adolescente e principalmente na criança.

A música tem papel fundamental na educação tornando o âmbito escolar mais alegre e receptivo. Para isso, o cantar e tocar na sala de aula pode ser prazeroso, ou seja, improvisar, criar, reproduzir ou interpretar, possibilita encantar as crianças ludicamente. O canto talvez seja a manifestação musical mais primitiva em todas as culturas do nosso globo. Na contemporaneidade, vemos que o cantar e tocar tornaram-se uma atividade somente para locais específicos. São pertencentes a todos nós. São expressões humanas que poderiam estar mais presentes no cotidiano, como em encontros espontâneos e brincadeiras infantis.

A escola pode ser o melhor ambiente para tornar a música acessível em nossa sociedade. Hoje se percebe que adolescentes têm maior resistência para adquirir um repertório diversificado. Educadores musicais indicam caminhos onde a escola, nos primeiros anos, deve compartilhar um repertório diversificado para que a música seja percebida de forma diferente.

¹Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: <www.uniasselvi.com.br>.

Ruídos que se tornam arte e chegam à sala de aula

Sabe-se que o som acompanha o homem desde o início dos tempos. A voz era um instrumento usado para a comunicação do ser humano. Juntamente com o período comunicativo vieram os tambores, e mais tarde, instrumentos artificiais que ganharam conteúdo realizando trabalhos de diversas formas e funções no cotidiano. Com poder notável, a música foi usada para incentivar o trabalho, induzir ao sentimento religioso, despertar o espírito patriota, marcar passo em guerra e outros tipos de manifestações. Não se tem notícia de povos que hoje em dia não cultivem a música.

Quanto às origens remotas da música menos se sabe ainda, exceto que sonoridades diversas foram usadas para a comunicação entre pessoas, ritmos eram praticados para ordenar trabalhos, músicas específicas faziam parte das solenidades religiosas, mas não como elemento motivador de emoções, ainda que, certamente, sua prática devesse provocar prazer. (MEDAGLIA, 2008, p. 15).

Constata-se que os filósofos gregos se preocupavam com a música. Platão a justificava por desempenhar um importante papel cultural e social cultivando-a desde a infância com estudos da voz e percepção auditiva, e da aprendizagem de um instrumento, onde o ensino era obrigatório. Há indícios de que existiam grupos musicais, naquela época, compostos de harpas e flautas, demonstrado na Figura 1, com o ritmo cadenciado por crianças e adultos. Pitágoras defendia que determinadas harmonias e melodias causavam reações definidas no organismo humano. Este filósofo “[...] demonstrou que a sequência correta dos sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura”. (BRÉSCIA, 2003, p. 31).

Até o fim da Idade Média, a música estava sempre ligada a algo, fosse ela religiosa ou profana. O canto gregoriano, característico da religião cristã, era usado em liturgias católicas no período medieval. Já os vários menestréis, que viajavam pelas comunidades, costumavam divertir as pessoas nas praças e ruas.

Figura 1. Pitágoras e uma possível representação de orquestra na antiga Grécia



Fonte: Disponível em: <<http://tudoquevocenaogosta.blogspot.com.br/2009/04/musica-e-matematicamatematica-e-musica.html>>. Acesso em: 24 maio 2014.

Conforme Campbell, (1988, p. 49), “A música é uma representação vital da sociedade e da cultura. Ela cresce tanto nas comunidades primitivas quanto avançadas”. Na Renascença, intelectuais e artistas objetivavam repudiar a era anterior, instaurando novamente os ideais filosóficos e artísticos da Antiguidade Clássica. Na música deste período, o artista passa a expressar suas emoções através dos sons, embelezando e encantando, além de estabelecer a relação de nossa alma e emoção de tal forma, que a igreja se mostrou preocupada tentando abolir as novas técnicas vocais, chamadas de polifonia, que enfeitiçavam os fiéis fazendo com que suas atenções fossem desviadas dos textos religiosos.

Na música Barroca, a aristocracia tinha forte interesse pela música profana, fazendo com que superasse a música religiosa, tanto em qualidade quanto quantidade. Foi um período grandioso para a humanidade.

O estilo Clássico teve como capital musical a cidade de Viena, e o termo “clássico”, era usado por se relacionar com os ideais da antiga Grécia. É nessa época que a música instrumental supera a música vocal e surgem também os maestros.

No período romântico, não só na música, mas também na filosofia, na literatura e nas artes, as principais características foram o individualismo, emocionalidade e subjetividade.

Para Medaglia (2008), “O século XX, que começou envolvido em grandes delírios criativos em todas as artes, com mais ‘ismos’ em cinquenta anos que em toda a história anterior, terminou melancolicamente”. O século XX foi o mais revolucionário da história musical, tanto em técnicas quanto em gêneros. Seria impossível em apenas um parágrafo apontar todos os gêneros musicais que foram se originando ao longo do tempo em todo o ocidente.

Concepção musical

Sabe-se que a música é uma arte que possui um fenômeno universal. Para alguns, a arte das artes. Definí-la é uma tarefa difícil. Inclusive, existe discordância entre alguns autores. Apesar de ser reconhecida por qualquer pessoa, por intuição, dificilmente podemos determiná-la com apenas um conceito. Ela está sempre associada à cultura e tradição de um povo. Preferências e influências musicais estão constantemente em mudança. Isso se deve ao desenvolvimento tecnológico e as influências midiáticas exercidas e impostas perante a humanidade.

A música é uma linguagem universal. Não precisa de tradução. Fala diretamente às pessoas, transpondo as barreiras tanto do tempo e do espaço, tanto das nacionalidades e etnias como da língua. Seguindo as enciclopédias, os dicionários e as concepções de alguns dos mais expressivos nomes da cultura universal, existem numerosas definições para música. (BRÉSCIA, 2003, p. 25).

A ação provocada pela música na vida do ser humano é indiscutível. Grandes personalidades de diferentes épocas afirmam que a música pode curar, acalmar, iluminar e fortalecer o ser humano. Na minoria dos casos, a música também pode fazer mal fisicamente e estimular a agressividade, mas para nossa felicidade, geralmente tende a aumentar nosso bem-estar, relaxar e estimular nosso pensamento e reflexão. A música é capaz de manifestar diferentes sensações de nossa alma através de sons. Através dela, expressamos sentimentos de alegria e tristeza, medo, suspense, entre outras emoções mais profundas. Quando esses sentimentos se apresentam, de forma consciente ou não, estamos prestando atenção ao caráter expressivo da música.

Refletindo a música no contexto escolar

Acerca do ensino da música no sistema educacional brasileiro, pode-se dizer que nem sempre existiu a devida valorização para que a educação musical apresentasse um corpo docente de profissionais com boa formação e escolas equipadas para o desenvolvimento de um trabalho musical de qualidade.

Ao voltar no tempo, mais precisamente no século XVI, vemos que a música brasileira tem seu início a partir da mistura de elementos europeus, africanos e indígenas, mas que, por intermédio dos jesuítas, a interpretação e estilo musical seguem influências europeias.

Apenas em 1854, através de um decreto federal, a educação musical foi regulamentada em todo o país, passando a orientar as atividades docentes, sendo que no ano seguinte, outro decreto exige a contratação de professores através de concurso público. Os elementos técnicos-musicais, como o solfejo, eram a base para o aprendizado.

Heitor Villa-Lobos, um dos grandes gênios da música brasileira, ao voltar da França em 1930, teve o apoio do governo Getúlio Vargas em um amplo projeto de pedagogia musical, já existente na época, chamado Canto Orfeônico.

Figura 2. Heitor Villa-Lobos



Fonte: Disponível em: <<http://alexandredoradio.blogspot.com.br/2009/11/heitor-villa-lobos-maior-compositor-das.html>>. Acesso em: 24 maio 2014.

O projeto passou a promover vivências musicais e deveria valorizar a identidade musical brasileira, instruindo a música de forma didática, assumindo um caráter disciplinador, sensibilizador e socializador na escola, tornando-o obrigatório no âmbito escolar, com o curso de pedagogia de música e canto. De acordo com Barreto,

A finalidade do estudo do canto não é apenas o de promover a aquisição da habilidade de entoar canções, mas o de proporcionar melhor compreensão da música e aumento de satisfações, baseados em apreciação e execução. A apreciação, incluída, forçosamente em cada detalhe do ensino de música, tem o poder de motivá-lo. Estimula o espírito de análise e observação e, por isso, aperfeiçoa a execução. Concorre, portanto, para o aumento do interesse em compreender e em sentir a música. (1938, p. 69).

No fim da década de 1930, também aconteceram inovações através de Antônio Sá Pereira, que defendia a aprendizagem através da própria experiência musical, e também por Liddy Chiaffarelli Mignone que propunha jogos musicais e corporais, e o uso de instrumentos de percussão.

Em 1961, a Lei de diretrizes e bases (LDB) substituiu o Canto Orfeônico pela Educação

Musical sendo sancionada em 1971 por uma nova LDB integrando as aulas de Educação Artística, assim como a dança, o teatro e as artes plásticas, porém, passa a ser considerada atividade educativa e não disciplina.

Na LDB de 1971 (Lei nº 5.692/71), fica definido que a Educação Artística deveria abarcar os estudos relativos a diferentes áreas da arte: música, artes plásticas e teatro. Essa alteração provocou um sensível enfraquecimento do trabalho musical nas escolas, já que os professores recebiam formação polivalente e deveriam dar conta dos conteúdos de todas as áreas. (FONTERRADA, 2008 apud KANDLER; CHIARELLI, 2011, p. 29).

Com a promulgação da Constituição em 1988, novos debates sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional fazem com que a arte se torne conteúdo obrigatório em suas diferentes formas de expressão, com a lei sancionada apenas em 1996, conforme Lei nº 9.394/96. Nesta década, o ensino de artes passa a contemplar as diferenças étnicas, religiosas e sociais, e também a ter valores estéticos mais democráticos. O professor determina a linguagem artística a trabalhar, de acordo com sua formação. A música ainda não aparece como disciplina específica.

O sistema educacional brasileiro é reformulado em 1998, e o Ministério da Educação (MEC) lança os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), objetivando a orientação das práticas educativas, onde a Arte, com suas especificidades, possui importante função no processo ensino e aprendizagem.

Dentre várias propostas que estão sendo difundidas no Brasil na transição para o século XXI, destacam-se aquelas que têm se afirmado pela abrangência e por envolver ações que, sem dúvida, estão interferindo na melhoria do ensino e da aprendizagem de arte. Trata-se de estudos sobre a educação estética, a estética do cotidiano, complementando a formação artística dos alunos. Ressalta-se ainda o encaminhamento pedagógico-artístico que tem por premissa básica a integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica. (BRASIL, 2000, p. 31).

De acordo com a Lei nº 11.769, sancionada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2008, toda a escola pública e privada tem a obrigação de incluir música no Ensino Fundamental e Médio, porém, sendo conteúdo optativo na grade curricular. No ensino geral de Artes, as escolas podem oferecer artes visuais, música, teatro e dança (BRASIL, 2008). Com a alteração da LDB, o ensino da música nas escolas passa a ser o único conteúdo obrigatório, porém, sem exclusividade.

Instituições fora do nosso país desenvolvem trabalhos musicais de qualidade sendo referencial para abrangência na ampliação da educação musical. Os segmentos dessas referências trazem benefícios não apenas para músicos e educadores, mas para toda a sociedade, pois se sabe que a música é uma das linguagens mais expressivas do ser humano que contribui para o desenvolvimento social expressando emoções, prazer estético, diversão, companheirismo, respeito e motricidade. Desta forma, deve-se então fazer parte da educação de toda a criança, seja dentro ou fora da sala de aula, oferecendo formas de manifestar a criatividade e imaginação infantil juntamente com a sociabilidade.

O trabalho com música, no Ensino Fundamental, possibilita uma variedade de modos de percepção e sensações do aluno na sua relação com o mundo, através dos recursos expressivos de que dispõe o seu organismo para a comunicação e o conhecimento do mundo em que ele vive. (VISCONTI; BIAGIONI, 2002, p. 11).

A música escolar não deve existir apenas com a finalidade de eventos importantes, mas sim despertar a conscientização da necessidade de sentimentos, valores, pesquisa, descoberta, criação e reflexão através de conteúdos aplicados. Fazer com que um aluno se interesse por música, deve ser prazeroso. Para tanto, a música pode ser inventada por instrumentos criados em sala de aula, com material reciclável, trabalhando a improvisação e composição, despertando a criatividade do aluno.

Utilizar um instrumento musical é uma forma importante de expressão humana, podendo ser usado no contexto educacional, desde a educação infantil.

Musicalização

A linguagem musical produz sonoridades que expressam e comunicam sensações, sentimentos e pensamentos relacionados e intercalados entre o som e silêncio. Estando presente em toda cultura, a música pode estar inserida em inúmeras situações. Ao lado da matemática e filosofia, na Grécia antiga, a música era considerada fundamental na formação do indivíduo.

A compreensão de musicalização pode ser ambígua. Sugere desde tocar instrumentos, até conhecer o método convencional de escrita de partituras.

[...] musicalizar é desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo. Pois nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado ao quadro das experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção desenvolvidos. (PENNA, 2010, p. 33).

Através de atividades diárias e experiências musicais vivenciadas, trabalha-se a potencialidade do indivíduo, com o objetivo de aprimorar a sensibilidade e percepção musical, independente de idade. Na contemporaneidade, existem diferentes formas de contato com a música, seja através de celular, rádio, *tablet*, ou até mesmo um amigo tocando algum instrumento. Estas são formas de educação informal que podem promover a aquisição de conhecimentos e percepções.

Segundo a afirmação de Bréscia (2003), a musicalização é um processo de construção do conhecimento, que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação. As atividades de musicalização permitem que a criança conheça melhor a si mesma, desenvolvendo sua noção de esquema corporal, e também permitem a comunicação com o outro.

Para a existência da musicalização, não apenas nas escolas, mas entre outras instituições de ensino sistemáticas, deve-se proporcionar ao indivíduo acesso à música, linguagem e conhecimento, e também, fazer acontecer de forma assistemática, pela sociedade, através da indústria cultural e folclórica.

Provavelmente, a música é, de todas as artes, a que mais se faz presente na vida das pessoas. Ela está na palma da mão. Podemos ouvir música no rádio, TV, cinema, nas ruas, academias, e até mesmo na escola. É natural hoje em dia presenciarmos a tecnologia, com suporte musical, no âmbito escolar. Elas estão em celulares, *tablets*, fones com mp3, entre outros dispositivos. É quase impossível evitar que crianças e adolescentes deixem de usá-las. Fazer bom

uso dessa tecnologia pode contribuir com o desenvolvimento humano, despertando o gosto pela música nos alunos. De qualquer maneira, a música deve ser sempre incentivada, pois além de ajudar em processos cognitivos, aguça o lado artístico do aluno, seja em atividades como cantar, dançar e bater.

Ensinar a uma criança sobre o mundo mágico da música, não é ensinar unicamente notas e pausas. A educação musical pode se efetivar a partir da audição de diferentes melodias, por exemplo, identificando os instrumentos que as interpretam. Assim, pode-se despertar na criança o interesse pela música, instigando a pesquisa de um repertório musical diferenciado.

Figura 3. Musicalização infantil



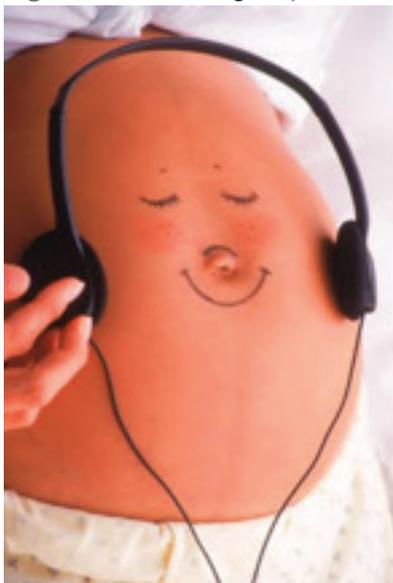
Fonte: Disponível em: <<http://2.bp.blogspot.com/-YFZ6yn42ELg/UbISIM66sHI/AAAAAAAAAC44/pfwVD2Ki-7zw/s1600/Musicaliza%25C3%25A7%25C3%25A3o+-+Crian%25C3%25A7as.jpg>>. Acesso em: 24 maio 2014.

A música desenvolvendo crianças e adolescentes

Antes mesmo de nascermos já podemos ouvir alguns sons, sendo esta a forma principal de relacionamento com o mundo. Para Bréscia (2003, p. 68) “Ouvimos a serenata do pulsar vascular, vibrações respiratórias e o batimento do coração da nossa mãe. Somos embalados pelos ritmos de caminhada, corrida, dança”. Vozes familiares e melodias musicais possuem o poder de acalmar, portanto, seguindo o raciocínio de Katsh e Merle-Fishmann (apud Bréscia, 2003, p. 68), “Mulheres grávidas frequentemente relatam um aumento de movimento do feto em resposta ao som de música”. Uma criança, sem deficiência, nasce com os ouvidos formados e funcionais.

Estudos constatam que antes do nascimento, o cérebro humano é capaz de algum tipo de aprendizagem, inclusive respeitando sons da voz humana, e ao nascer, já possui estruturas mentais que precisam de estímulos para o desenvolvimento. Para tanto, os pesquisadores perceberam que recém-nascidos manifestam preferências em ouvir histórias repetidas que ouvem durante o período de gestação, confrontando com histórias que não haviam sido contadas por suas mães.

Figura 4. Música na gestação



Fonte: Disponível em: <http://leocastrompb.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html>. Acesso em: 24 maio 2014.

Após o nascimento, o recém-nascido passa a ser um persistente produtor de som. O bebê não possui palavras para sua comunicação, mas no primeiro mês, se orienta em relação à voz humana explorando possibilidades vocais. A produção sonora aumenta quantitativamente entre o segundo e sexto mês através de imitações dos sons ao seu redor. Consoantes podem ser ouvidas no quinto mês, tendo particularidades conforme sua cultura e linguagem. As vocalizações são melódicas, sendo estas a base preparatória para o mundo musical. Segundo Bréscia (2003, p. 69), “[...] estudiosos destacam vários pontos a respeito do desenvolvimento humano nos primeiros anos de vida, que se relacionam intimamente com o desenvolvimento musical da criança”. Com um ano de idade, após ouvir repetidamente as vozes melódicas de seus pais, a criança é capaz de produzir sons de forma livre e alegre, acrescentando sua própria melodia.

A musicalização independe de formação acadêmica e a revelação costuma acontecer ainda na infância. As percepções rítmicas, melódicas e harmônicas são parte do processo cognitivo e sensorial no universo musical. Os sentimentos de uma criança já podem ser observados nos primeiros anos de vida ao ouvi-las cantarolando sozinhas. Esta é, portanto, a sua comunicação natural que antecede a formação de palavras.

Durante toda a nossa vida, somos capazes e temos a necessidade de nos comunicarmos chamando a atenção de outras pessoas através dos sons. Para tanto, Bréscia (2003, p. 70) afirma que, “As habilidades de efetivamente expressar nossas necessidades e desejos, de experienciar a vida e de sermos ouvidos por outros, se encontram no cerne de um desenvolvimento emocional e físico saudáveis”.

Podemos perceber o desenvolvimento do processo criativo na criança observando seu potencial ao mesclar suas manifestações expressivas, ou seja, poder cantar e desenhar simultaneamente, dançar enquanto canta ou desenhar enquanto ouve histórias.

O contato com a música faz com que a criança seja uma participante-ativa e sensível na sociedade, ajudando na formação de hábitos, costumes e comportamentos. A música estimula competência social, e com ela, a criança compreende que faz parte de uma sociedade, ou seja, não vive sozinha.

Nas brincadeiras e jogos as crianças encontram o canto, poesia, dança, riqueza simbólica

e ludicidade.

O objetivo da musicalização no universo escolar, não é a formação de músicos profissionais, mas sim, oferecer a compreensão expressiva enquanto ouvinte ou executante musical. Oportunizar as ferramentas básicas para a concepção e utilização da linguagem musical. Preservar nossa música como patrimônio cultural para futuras gerações. Conhecer onde os gêneros musicais brasileiros estão enraizados. Obter a compreensão crítica para que não aceite tudo o que a mídia impõe.

A educação musical e o desenvolvimento das habilidades se correlacionam, preparando o aluno para ser bem-sucedido na vida. Sensibilidade, paciência, motricidade fina, autodisciplina, concentração e memorização, são algumas qualidades que acompanharão o ser por toda a vida. A música ativa outras áreas do cérebro, ajudando o aluno a estimular inúmeras atividades. A sincronia dos movimentos auxilia no desenvolvimento motor. A música influencia e contribui na formação integral e no desenvolvimento infantil.

A sociabilidade juntamente com o trabalho em equipe também é valorizada com o estudo musical. Para que uma banda, orquestra, ou coral consiga atingir seu objetivo, que é o de desempenhar com perfeição a música em conjunto, todos precisam participar harmoniosamente dos ensaios. A expressão pessoal pode ser trabalhada no simples fato de ter a necessidade de estar entre amigos, introduzindo o sentido de parceria e cooperação.

Figura 5. Música na escola



Fonte: Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/sugestoes-pais-professores/a-importancia-musica-no-processo-ensinoaprendizagem.htm>>. Acesso em: 24 maio 2014.

Música no âmbito escolar

Explorar, criar e produzir! A aula de música deve ser um momento ímpar para a criança. As aulas devem proporcionar um momento agradável, divertido e produtivo. O clima deve ser tranquilo, porém, ativo. A participação deve ser espontânea, mas sem indisciplina. Essas são tarefas importantes na qual o professor tem a enorme responsabilidade de levar à classe contribuindo para a criatividade.

Atividades lúdicas e coletivas para musicalização, funcionam como elemento motivador e estimulante, desenvolvendo a expressão musical através da imitação, percepção e criação. A família dos idiofones, instrumentos percussivos que geram som a partir de sua própria vibração, como o caxixi, ganzá, maraca, marimba, prato, triângulo, entre inúmeros outros, são grandes aliados para o início das atividades de musicalização, trabalhando os gestos motores. A utilização de instrumentos de madeira, metal, entre outros materiais, faz com que a criança perceba as diferentes sonoridades explorando diferentes maneiras de tocá-los produzindo sons variados. Além destes instrumentos, jogos, brincadeiras de roda e confecção de instrumentos são indispensáveis para musicalizar.

Durante longos anos, a educação musical afirmou que os estudos dos elementos musi-

cais poderiam ser adquiridos após muito conhecimento musical, gerando o bloqueio criativo e improvisador. Bréscia (2003, p. 65) nos diz que, “No que respeita à transformação, a ideia subjacente é de que a aprendizagem só ocorre plenamente quando o aprendiz usa, transfere, aplica, cria, aprofunda, modifica, inova a partir do que aprendeu”.

Materiais simples, também podem ser desenvolvidos nas primeiras aulas para expressão musical mostrando o caminho inverso, ou seja, tomar gosto pela música antes de se conhecer as ferramentas que a auxiliam no processo de registro e leitura de partes, partituras ou grades musicais. “Partitura é a representação gráfica do som pela sua altura, intensidade e duração, e do ritmo pelas proporções de duração, bem como pela duração de silêncio”. (VISCONTI; BIA-GIONI, 2002, p. 101).

A codificação dos registros de notação musical nos mostra a necessidade de fixação das ideias musicais.

Os sons são produzidos por vibrações. Tudo o que vibra, gera ondas que se espalham pelo ar, em todas as direções e simultaneamente. Quando essas ondas sonoras chegam ao nosso ouvido, entram em contato com a membrana do tímpano, fazendo com que ele também vibre e transmita ao cérebro várias mensagens que serão identificadas como tipos diferentes de sons. Já o cérebro, irá descobrir e identificar quatro características ou propriedades fundamentais desse som. São elas: altura, timbre, intensidade e duração. (KANDLER; CHIARELLI, 2011, p. 37).

Além dos métodos convencionais de notação musical, os não convencionais também podem ser usados com crianças para que se conheçam as propriedades sonoras. As figuras 6, 7, 8 e 9 representam o método convencional da escrita.

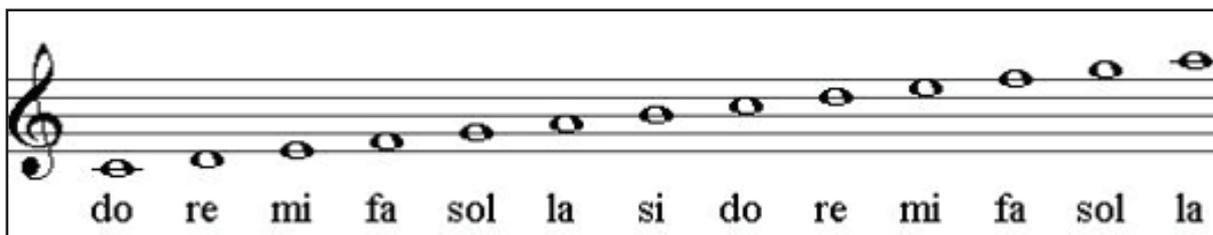
Altura

A altura nada mais é do que o parâmetro sonoro que determina a sua posição ou frequência na escala. O som pode ser de altura grave (baixo, grosso) ou agudo (alto, fino). Para a percepção de altura, como exemplo, deve-se comparar instrumentos, corais e animais, pois um determinado som pode ser agudo ou grave perante o outro.

Não adotamos o tradicional hábito de vincular vozes humanas, de animais e mesmo sons de objetos quaisquer às regiões de altura do som, para evitar o risco de associações falsas. A voz do elefante, por exemplo, frequentemente apontada como grave, é, na realidade, extremamente aguda. Da mesma forma, nem sempre se pode afirmar que determinado som, quando ouvido isoladamente, seja grave, médio ou agudo. A melhor maneira de classificar um som quanto à sua altura é compará-lo a outro. O latido de um cão pode ser grave ou agudo, dependendo do som utilizado como parâmetro. (MOURA; BOSCARDIN; ZAGONEL, 1996, p. 25).

Em um coral adulto podemos perceber as extremidades e comparações entre vozes graves e agudas. Nas vozes femininas agudas temos os sopranos e nas graves, os contraltos. Já nas vozes masculinas agudas temos os tenores e nas graves, os baixos. Já as crianças possuem limitações vocais referentes à sua idade, por isso devem seguir um trabalho específico de aprendizagem.

Figura 6. Escrita convencional



Fonte: Disponível em: <http://www.unimusica-peru.com/notas_musicales.htm>. Acesso em 25 maio 2014.

Timbre

O timbre pode ser descrito como qualidade ou “cor” do som mostrando a identidade e característica sonora de cada instrumento. Conforme Moura, Boscardin e Zagonel, (1996, p. 23), “A criança aprende, pela vivência, que é a qualidade do som denominada timbre que permite diferenciar, pela audição, um instrumento musical de outro, ou a voz de uma pessoa da de outra”.

Reconhecemos a fonte sonora através deste parâmetro. Pode-se reconhecer um violão, uma voz, um piano ou mesmo um papel sendo amassado, sem que estejamos observando.

Em orquestras os instrumentos são divididos em naipes, também chamado de família, de acordo com suas características no timbre, e não somente resultante do material com que é feito.

Dinâmica

A dinâmica, ou intensidade, propõe a expressividade musical entre as variações da intensidade sonora indicando se um trecho deve ser tocado forte ou fraco.

Assim como a altura, é mais fácil classificarmos se um som é forte ou fraco quando o comparamos com outro som, uma vez que o conceito de intensidade pode variar de pessoa para pessoa. O que para alguns pode parecer um som forte, para outros, pode ser que ele não seja tão forte. (KANDLER; CHIARELLI, 2011, p. 41).

Um determinado som pode ser tão fortemente tocado, como *show de rock* e trio elétrico, sendo nocivo à saúde física e emocional. Algumas pessoas confundem e interpretam a intensidade do som com altura, onde intensidade é relacionada à força de execução.

Figura 8. Dinâmica musical

<i>pp</i>	Pianíssimo
<i>p</i>	Piano
<i>mp</i>	Mezzo Piano
<i>mf</i>	Mezzo Forte
<i>f</i>	Forte
<i>ff</i>	Fortíssimo

Fonte: Disponível em: <<http://www.geocities.ws/nipemetal/teoria.html>>. Acesso em: 25 maio 2014.

Duração

A duração está sempre presente nas propriedades apresentadas anteriormente. Um som pode ser curto ou longo, possuindo determinadas unidades que podem ter valores dobrados ou divididos. Na notação musical contemporânea, a duração do som, ou silêncio, é representada por meio de figuras de nota e pausa, respectivamente. Podemos identificar andamentos e compassos tendo uma noção de tempo utilizado nas músicas.

Conforme sua duração, os sons podem ser considerados curtos ou longos. Eles também podem ser classificados como regulares ou irregulares. Na escrita musical contemporânea, a duração dos sons pode ser grafada de diferentes maneiras. Variam também as representações de sons com duração regular ou então sons com durações irregulares. (KANDLER; CHIARELLI, 2011, p. 42).

Os sons regulares são os que possuem altura definidas, como as notas dó, ré mi, fá, sol, lá, si e suas variáveis com sustenidos e bemóis. Podemos percebê-las em instrumentos como flauta, trompete, violão e piano. Já as vibrações irregulares, são os ruídos que podemos ouvir no cotidiano, como ronco do carro ou um bater de um martelo. No instrumental, são os que não possuem altura definida e podemos encontrá-la em alguns instrumentos de percussão como caixa, tambor, ganzá, pau de chuva, entre inúmeros outros.

Figura 9. Figuras de notas ou valores positivos

	Semibreve	
 ou 	Mínima	= 1/2 do valor da semibreve
 ou 	Semínima	= 1/4 do valor da semibreve
 ou 	Colcheia	= 1/8 do valor da semibreve
 ou 	Semicolcheia	= 1/16 do valor da semibreve
 ou 	Fusa	= 1/32 do valor da semibreve
 ou 	Semifusa	= 1/64 do valor da semibreve

Fonte: Disponível em: <<http://www.geocities.ws/nipemetal/teoria.html>>. Acesso em: 25 maio 2014.

Música e movimento

A música impulsiona o movimento corporal. Vivenciar a música por meio de trabalhos corporais faz com que o aluno desenvolva atenção e motricidade ampla. Em qualquer ação do cotidiano, a atividade corporal está envolvida. A criança está sempre em movimento.

A criança se movimenta nas ações do seu cotidiano. Correr, pular, girar e subir nos objetos são algumas das atividades dinâmicas que estão ligadas à sua necessidade de experimentar o corpo não só para seu domínio, mas na construção de sua autonomia. A ação física é a primeira forma de aprendizagem da criança, estando a motricidade ligada à atividade mental. (BRASIL, 2000, p. 67).

Ao participar de um grupo de dança, a criança passa a desenvolver a motricidade e a plástica rítmica dos movimentos, ampliando o repertório gestual e expressivo.

Trilha sonora

A música é vivenciada no cotidiano e o tema em questão pode ser encontrado em desenhos, jogos eletrônicos, filmes e até no ambiente sonoro local. O aluno pode buscar a trilha sonora da sua casa, rua ou cidade potencializando emoções, agregando sentimentos e significados de uma imagem. Com uma tela ou fotografia em mãos, é possível imaginar uma sonoridade, uma trilha.

Por fim devemos destacar a importância do som para a sensação de presencialidade. Imagens precárias em sistemas de videoconferência são mais facilmente aceitas que sons de baixa qualidade. Para entendermos o papel do áudio para a criação de realismo, basta assistir a um filme de ação que possua muitos efeitos especiais, com e sem trilha sonora. É surpreendente como imersão e realismo são prejudicados na versão silenciosa. (TORI, 2010, p. 180).

Estimular a investigação e o conhecimento de uma obra cênica, pictórica, fotográfica, ou movimentos de uma dança, faz com que o aluno construa um diálogo e percepção, acrescentando um repertório musical significativo para o desenvolvimento artístico.

Figura 10. Transformando música em trilha sonora



Fonte: O autor

Método Suzuki

Shinichi Suzuki (1898-1998), violinista e pedagogo japonês, é um dos grandes educadores musicais do século XX. Em sua metodologia, ele afirma que toda criança, potencialmente, tem a capacidade de aprender música. Todas as crianças que são educadas com perícia e compreensão atingem um alto grau de conhecimento, mas essa educação deve começar no dia do nascimento. Aqui está na minha opinião, a chave do desenvolvimento integral das potencialidades humanas. (SUZUKI, 1994, p. 12).

Suzuki percebeu, ao observar as crianças de todo o mundo, que com aparentemente facilidade elas aprendem sua língua materna. Dessa forma, concluiu que elas possuem potencial para desenvolver qualquer habilidade em alto nível. Para tanto, é indispensável o carinho e alegria. Todos acreditam na capacidade de um bebê, ao longo de seu crescimento, de adquirir habilidades como andar, falar, dentre outras. Condizendo com Suzuki (1994, p. 11), “Todas as crianças japonesas falam japonês! Exclamou Suzuki um dia para todos os seus amigos. Isto não é prova de impressionante talento? Como, por que meios elas conseguem isso?” Este pensamento tornou-se o objetivo principal de sua vida, obtendo a compreensão do mesmo a partir de uma simples observação. “Como? Todas as crianças japonesas falam japonês! Se elas falam tão fácil e fluentemente o japonês deve haver algum segredo no seu aprendizado”. (SUZUKI, 2011, p. 12).

Suzuki pesquisou como o mecanismo de aprendizagem da língua materna funcionava, para que fizesse uso paralelamente no estudo do instrumento e percebeu que as crianças no mundo inteiro aprendem da mesma forma e perfeitamente. Decidiu então usar esse método para outros talentos. A mesma forma que a criança aprende sua língua materna, Suzuki propõe para o aprendizado musical, ou seja, a criação de um ambiente rico em estímulos com elogios e bons exemplos familiares.

Os pais são a base no processo de aprendizagem juntamente com a orientação de professores que conduzirão a criança em todas as etapas do aprendizado musical. Os pais devem conhecer a metodologia proposta por Suzuki participando ativa e positivamente das aulas. Respeitando os limites de compreensão e tempo de cada criança, aprender um instrumento será tão prazeroso quanto à facilidade de dominar a língua materna, além de adquirir grande habilidade musical. As dificuldades serão encaradas como etapas naturais.

As aulas propostas por Suzuki são individuais e coletivas. Nas aulas individuais, existe a participação dos pais, onde as atividades desenvolvem as dificuldades específicas de cada criança. A orientação é de que os pais deem continuidade, aos exercícios, em casa. Nas aulas coletivas, a criança socializa a música aprendida com outros alunos, mostrando a habilidade adquirida individualmente. Não existe competição, mas sim a cooperação que incentiva o respeito à individualidade e a busca pela qualidade.

Para Suzuki, as crianças aprendem sua língua materna cedo por estarem em constante companhia dos pais que tentam se comunicar desde a gestação e o mesmo acontece com a música. A metodologia Suzuki pressupõe que o ser humano é produto do ambiente em que vive. Este mesmo ambiente pode ser artificialmente fabricado proporcionando o que for ideal para a criança. Assim, como a criança aprende primeiramente a falar para depois escrever, Suzuki afirma que ela deve tocar de ouvido antes de ter contato com a leitura e teoria musical.

O método Suzuki consubstancia um certo número de características da cultura japonesa. Há o profundo respeito pela arte e a cultura, e um reconhecimento de que a prática e a competência artesanal são necessárias a um indivíduo que pretende ingressar e finalmente exercer com maestria uma determinada tradição. [...] Também é importante

o papel de outros indivíduos no treinamento do jovem. A mãe é a educadora inicial; com efeito, uma das razões por que, tradicionalmente, as mães não trabalham no Japão, é para que possam concentrar seus esforços na formação de seus filhos pequenos. (BRÉSCIA, 2003, p. 73-74).

O sistema Suzuki é chamado de metodologia, mas é na realidade, uma filosofia educacional podendo ser aplicada em qualquer idade e ensino de qualquer conteúdo. Suzuki escreveu dez volumes para violino. Nos volumes de um a três, além de suas composições, existem clássicos dos grandes músicos eruditos como, Schumann, Dvorák, Boccherini e Bach. Nos volumes quatro a dez, encontram-se concertos de Vivaldi, Mozart, Seitz e Bach.

Somente cinco por cento dos alunos da metodologia Suzuki firmam-se na carreira musical, porém, seus objetivos são claros:

Eu só quero formar bons cidadãos. Se uma criança ouve boa música desde o dia do seu nascimento e também aprende a tocar, desenvolve habilidade, disciplina e perseverança. Conquista assim, um bom coração. [...] Se as nações trabalharem juntas na educação de boas crianças talvez nunca mais tenhamos guerra. (SUZUKI, 1994, p. 93).

Figura 11. Metodologia Suzuki



Fonte: Disponível em: <<http://pt.wikinoticia.com/entretenimento/M%C3%BAsica/50313-musica-infantil--metodo-suzuki>>. Acesso em: 25 maio 2014.

Material e métodos

A fundamentação deste trabalho foi feita através de pesquisas em livros, em minha vivência como músico, instrutor de música e nos debates e encontros entre colegas de profissão. Por oito anos fui oboísta da Orquestra Sinfônica de Santa Catarina, dentre outros grupos, como a Banda Sinfônica da Univali, Orquestra Sinfônica de Florianópolis e Orquestra Filarmônica de São Joaquim. Nesses ambientes, tive o prazer e a honra de conhecer músicos-professores de países diversificados, cada qual com sua cultura e forma de ensinar. Professores estes, que seguem as orientações dos grandes educadores musicais da história ocidental e oriental, mas que também estão atentos às modificações e transformações para a melhoria do ensino musical.

O motivo que me levou a essa pesquisa, foi justamente a busca por informações para estabelecer uma melhor forma de ensinar o aluno, respeitando suas limitações de aprendizagem.

Na contemporaneidade, a tecnologia musical, bem como a própria música, está em constante mudança. Devemos acompanhá-la, instruindo as melhores formas de aprendizagem ao aluno, levando em consideração que cada criança tem seu processo e ritmo de evolução único.

A metodologia Suzuki apresenta uma atraente forma de iniciação musical, fazendo com que as crianças tenham interesse em aprender um instrumento. Um violino ou uma flauta doce são essenciais para o desenvolvimento musical, juntamente com a participação e envolvimento entre pais e filhos, para que aprendam a filosofia Suzuki. A partir daí, existirá na criança, a mesma motivação que ela tem para o aprendizado da língua materna.

Conclusão

Tenho vivenciado alguns conflitos sobre musicalização. Nas orquestras, por meio da vivência com amigos e professores, bem como durante toda minha experiência profissional, percebi que existe um déficit de profissionais da música que utilizem metodologias de grandes educadores musicais, principalmente na área popular.

Com a tecnologia, ficou muito fácil de obter uma quantidade de materiais pedagógicos-musicais. Hoje é possível aprender música através da internet, mas isso não significa que um aluno virtual pode se tornar professor. Como exemplo, conheci alguns professores de música que se importam mais com a postura e respiração, ou com a posição do dedo. Não que não sejam importantes para o bem-estar do aluno na hora de executar uma canção, mas devemos incentivar a percepção do verdadeiro prazer em vivenciar a música.

A partir disto, percebi a necessidade de retratar assuntos que partem desde a antiguidade para entender a musicalização e seus objetivos. A música por si só, nos fala muito, porém, se ensinarmos conforme a metodologia dos grandes educadores, estaremos transformando indivíduos de valores para a sociedade.

Alunos iniciantes tendem a ter maior dificuldade em aceitar a filosofia Suzuki por não fazer parte do seu repertório cotidiano. Um dos motivos é porque são alunos com faixa etária mais alta do que a proposta pelo método iniciante. Além disso, muitos professores de violino não adotam apenas o método Suzuki, pois ele deixa a desejar na abordagem técnica. Até mesmo os que o seguem, fazem essa crítica. Grande parte acredita que ele funcione juntamente com outro material de apoio e também a música brasileira. De uma forma ou de outra, fica evidente que a filosofia Suzuki trouxe benefícios na musicalização por meio do violino.

Através deste estudo, evidencia-se que diversas áreas do conhecimento podem ser estimuladas a partir da musicalização.

Nas primeiras civilizações já existia a preocupação de filósofos como Platão, que percebeu não somente a importância e necessidade da música, mas sim a Arte de forma geral na vida do ser humano. Na opinião deste filósofo, não bastava apenas transmitir conhecimentos, mas sim, desenvolver suas capacidades. A música na antiguidade era considerada pela educação, uma das principais disciplinas na formação do ser. Ela ainda permanece, mesmo que pouco, em toda a sociedade ensinando valores, educando e transformando.

O ensino sistemático musical, para crianças e adolescentes, é importante conforme nos mostram os efeitos positivos por ele causado. Alguns aspectos se destacam como a formação do caráter, sociabilidade, desenvolvimento da criatividade, cooperação e trabalho em equipe, satisfação pessoal e autoestima.

O profissional da música deve ter metas pedagógicas precisas e contínuas para o desenvolvimento do aluno formando cidadãos, e ajudando a construir uma nação.

Referências

BARRETO, Ceição de Barros. **Coro orfeão**. São Paulo: Melhoramentos, 1938.

BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm>. Acesso em: 28 abr. 2014.

_____. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm#art92>. Acesso em: 28 abr. 2014.

_____. Lei n. 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm>. Acesso em: 29 abr. 2014.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 2000.

BRÉSCIA, Vera Pessagno. **Educação musical**: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

CAMPBELL, D. G. **Introduction to the musical brain**. Missouri: MMB Music, 1988.

KANDLER, Maira Ana; CHIARELLI, Lígia K. M. **Educação musical**. Indaial: Grupo Unias-selvi, 2011.

MEDAGLIA, Julio. **Música, maestro!** Do canto gregoriano ao sintetizador. São Paulo: Globo, 2008.

MOURA, Ieda Camargo de; BOSCARDIN, Maria Teresa Trevisan; ZAGONEL, Bernadete. **Musicalizando crianças**: teoria e prática da educação musical. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SUZUKI, Shinichi. **Educação é amor**: um novo método de educação. 2. ed. Santa Maria: Palloti, 1994.

TORI, Romero. **Educação sem distância**: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Senac, 2010.

VISCONTI, Márcia; BIAGIONI, Maria Zei. **Guia para educação e prática musical em escolas**. São Paulo: Abemúsica, 2002.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.
